

# Homenagem ao saudoso professor José Arnaldo, “O Zé”

Autor Convidado  
03/12/2013

## Celso Taveira

Professor Adjunto  
Universidade Federal de Ouro Preto  
celsotaveira@gmail.com

---

É claro que não é tarefa fácil escrever acerca de um grande amigo e companheiro de trabalho cujo desaparecimento nos traz um vazio difícil e incômodo. Mas essa iniciativa da Revista Cadernos de História me traz um alívio, talvez pela oportunidade para um desabafo que ela proporciona. Perdemos um grande amigo e colega ainda com muita vida pela frente, o que faz a dor ser maior e de difícil aceitação. Mas o que fazer? Temos que pelo menos viver a memória que ele soube construir ao longo de sua vida e para isso não nos faltam motivos para viver a saudade que ele nos deixou.

237

Conheci “o Zé” nos anos de graduação na Fafich/UFMG, que então, na década de 70, ainda funcionava no prédio do bairro Santo Antônio, em BH, no “famoso” terceiro andar cuja memória é até hoje riquíssima em vivências existenciais e acadêmicas entre funcionários, alunos e professores. Me lembro de imediato que lá éramos alunos muito mais do corredor do que das salas de aulas, pois nos corredores aconteciam as experiências mais ricas do tipo falar mal dos outros, combinar encontros, elogiar e paquerar as colegas, matar aulas e assim por diante. E creio que foi justamente nos corredores que passei a conhecer e admirar “o Zé”, pois ele era de uma turma mais recente do que a minha. Era uma figura marcante pela elegância do traje estilo Luís XV e pela vasta cabeleira estilo d’Artaignant.

Completei meu curso dois anos depois dos quatro anos normais da minha turma e com isso pude desfrutar por mais tempo da companhia sempre jovial dele e de muitos outros colegas daquela geração. Além das conversas “de corredor” tínhamos nossos costumeiros encontros no Jorobó, o buteco da esquina que era

nossa concentração para conversas muito agradáveis e movidas a boas cervejas. Lá resolvíamos todos os problemas do país e do mundo. Me lembro que tínhamos um colega, o Cláudio, que se movia a vodka com epocler; era isso mesmo, sempre tinha no bolso o antídoto para formar o coquetel com o remédio salvador (ou que ele acreditava ser).

Meu convívio com o Zé Arnaldo teve início de forma mais intensa quando voltei de meus estudos de três anos na Bélgica, no final do ano de 1983. Fui à Fafich ver como estavam as coisas por lá, naturalmente iniciando minha busca por uma vaga na Universidade, o que era meu ideal como futuro profissional, na ocasião encontrando com nosso amigo que logo me disse para levar para ele meu currículo, pois estava lecionando no Departamento de História do ICHS e havia fortes chances de abertura de processos de seleção para professores. Foi o que fiz numa vinda à sua agradável casa em Mariana e com poucas semanas, talvez até mesmo dias, efetivamente foi aberta uma vaga para História da Civilização Ibérica motivada pela saída da professora dessa disciplina para Campinas. Na ocasião entrei como colaborador (hoje substituto) e isso foi esufiante por finalmente abrir uma perspectiva concreta para me tornar professor numa universidade federal, além de ser no interior e portanto me permitir voltar a meus tempos de infância e adolescência em Nova Lima.

238

Bem, esse foi o prelúdio para o início de um trabalho em conjunto com o Zé Arnaldo, trabalho esse aliado a um convívio muito rico, mesmo se no mesmo ocorreram alguns momentos delicados em função da complicada vida política que havia então no Instituto e na UFOP; digo complicada em função da existência de uma grande motivação política na qual todos se envolviam de um jeito ou de outro, coisa que infelizmente arrefeceu posteriormente. O importante nisso é o fato de que tais momentos difíceis da política universitária, quando existiu de forma intensa, nunca comprometeram nosso convívio a não ser momentaneamente. Muito pelo contrário, tivemos grandes experiências de convívio em torno de importantes pontos de vista em comum durante a década de 1980 e a primeira metade da de 1990, com encontros memoráveis “articulando” posturas a serem adotadas nessa ou naquela questão, nas quais agíamos em perfeita sintonia. E nesse ínterim jamais posso deixar de mencionar a ocorrência de conversas memoráveis no redondo, essa perfeita singularidade circular que sempre cumpriu uma função social de primeira ordem no Instituto.

Aqui me detenho nessa forma circular que tanta contribuição traz para nossas vivências em comum na UFOP. Ali a forma circular cumpre perfeitamente

sua função simbólica de elemento catalisador de cultura, pois ali a vida palpita tanto quanto nas salas de aula, com a vantagem da espontaneidade do bom bate-papo, do sol em dias frios e daquela peculiar atitude de reparar em quem está passando. Me lembro, nesse ponto, de quando o igualmente saudoso Ivan veio prestar seu concurso e eu fiquei com um ligeiro ar de inveja quando, do redondo, algumas professoras comentaram sorratamente que ele, ao passar, levava a imagem do super-homem. Logo para cima de mim, que sou tão franzino e naquela época me encontrava despontando para o anonimato. O oposto do super-homem e aquele cara, que mal havia começado com o concurso, já estava perturbando a ordem natural das coisas. Pois é, o redondo é isso mesmo, uma ordem natural de coisas indispensáveis para a cultura de uma comunidade, cultura essa sempre cheia de novidades, planos sinistros, combinações de cachoeiras que dificilmente dão certo, críticas aos salgados da cantina, programação de festas (essas sempre dando certo), comentários sobre a próxima greve que já se aproxima, etc.

Bem, e o que dizer de momentos na vida mais recente do Departamento de História, com atividades compartilhadas em formaturas, em saudosas aulas de despedida com os formandos, nas quais muitas vivências com ele eram repassadas a limpo com um prazer sublime? Creio que “O Zé” nos trouxe isso, a dimensão do sublime expressada na sua forma mais simples e espontânea, com muito humor e aquela disponibilidade natural para uma conversa espirituosa. Mas há outras recordações maravilhosas nessa viagem no tempo em companhia do “Zé”.

Retrocedo ao nosso tempo de colegas na Fafich, quando tínhamos boa aproximação com os dois professores de História da Arte do departamento e a Myriam Ribeiro, especialista em imaginária mineira, nos convidou para um fim de semana na sua fazenda em Entre Rios. Isso deve ter sido em 1975. Logo na noite do primeiro dia saímos eu e ele para um ar puro no quintal, quando a Myriam chegou no balcão da varanda e disse algo assim: “estão curtindo a noite? Só que estão curtindo pisando no canteiro das alfaces, há há há...” Nos sentimos dois capiaus perdidos na roça, logo no primeiro dia. Mas o melhor veio no dia seguinte, quando “O Zé” quis montar a cavalo. Quando a Myriam esboçou dizer que o bicho era doido “Ele” já estava dando com uma varinha pequena no traseiro do animal, ao que o mesmo partiu numa disparada louca para o meio do mato; só deu para ver as pernas e a cabeleira do cavaleiro voando em cima do lombo do bicho e pronto: sumiram os dois! Fomos eu, Myriam e o Paulinho, outro companheiro que foi naquela jornada, tentar encontrar alguém ou alguma coisa. Caminhávamos depressa e logo o Paulinho gritou: “olha um dinheiro ali! Eles passaram por ali!”

E logo mais à frente a Myriam gritou: “olha um maço de cigarro ali! É dele”! Bem, após uma boa marcha encontramos o ginete voltando com um olhar de burro fugido e o rosto verde que nem capim. “É... que cavalo bravo, mas eu não caí. Segurei firme no cangote do bicho até que ele resolveu parar!”

E segurou mesmo...para sorte de todos nós. Parecia que o cavalo estava treinando para o Grande Prêmio Brasil.

“O Zé” era assim mesmo: vibrante (mas o cavalo era mais), alegre, espontâneo, divertido, ótimo companheiro na cozinha (mandava em todo mundo e não fazia nada), tinha muita sensibilidade musical, abstinência convicta (nossa!), sistemático, irreverente, crítico, manso como um coelho (só no nome), tolerante em casa (mas isso a Keka que o diga) e ótimo companheiro. E foi lindinha a homenagem a ele prestada pelos formandos de História 2013/I, assim como está sendo essa que a Revista Cadernos de História agora promove, me concedendo a honra de também participar dessa homenagem da qual “O Zé” foi e é mais do que merecedor.

Encerro narrando mais uma dessa pessoa querida e extremamente criativa. Parece anedota mas é verdade. Logo quando me tornei professor efetivo subia a rampa com o próprio, quando ele me disse que tinha planos para comprar um veículo para transportá-lo ao ICHS e assim chegar de forma categórica ao ambiente de trabalho. O veículo seria uma charrete. Dá para imaginar? Esse é o inesquecível “ZÉ”.